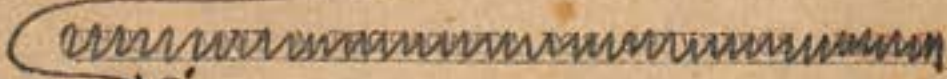


SACRIFÍCIO INÚTIL

- Um programa de Roberto Lis -

Controle: (Característica musical forte, baixando depois aos poucos)

NO AR... O grande Teatro Difusora, apresentando...
SPEAKER: - Sobre a característica por alguns momentos.
SACRIFÍCIO INÚTIL!...
Sobre a característica por alguns momentos.
SPEAKER: - SACRIFÍCIO INÚTIL é mais um trabalho de Roberto Lis escrito especialmente para o grande Teatro Difusora.



É mais uma história das muitas que a vida nos apresenta, cheia de misérias, de vícios e de ingratidões, pontilhada, aqui, de uma lágrima, ali de uma torpeza, e acolá de uma ambição!...

Sua distribuição é a seguinte:

- Aluizio..... PAULO ou Salmeir
Cecilia..... Maria Fernanda Laura
Totônio..... Sergio Reis, ne De Fe
Madalena..... Maria, Maria, Maria
Seu Novais..... Roberto Lis
Dona Carlota..... Yuna, Rosa
Paschoal..... Gerson
Suzana..... Maria
Maira..... Maria
Encarregado do Estúdio..... Emilio Belo
Sinfonia de..... Helio Machado

Controle: - (Sabe a característica, baixando depois, aos poucos, até desaparecer)

Estúdio - (Batem duas badaladas espaçadas num sino ao longe)

Cecilia - Duas horas, Madalena. Vamos tratar de deitar-nos. (Passos que se ouvem.)
Madalena - Espera. Parece que vem alguém aí.
Cecilia - Aluizio! O que é que você anda fazendo em pé a esta hora da noite?
Aluizio - Vi luzes no gabinete e como não ^{ouvi} ~~ouvi~~ vocês julguei que a tivessem ~~em~~
quicido a casa.
Madalena - É que nós estávamos conversando baixinho.
Aluizio - Vocês estão com umas caras tão exqu岸itadas! Vieram tão cedo de festa! O que aconteceu?
Cecilia - Nada. É que nós já nos deshabitamos dessas coisas. Dois anos de completo retiro, desde a morte do papai...
Madalena - Bobagem. Para que ocultar? Conte logo a verdade?
Aluizio - Como? O que é que Madalena quer dizer com isto? Aconteceu alguma coisa a vocês?
Cecilia - Nada, Aluizio. Não aconteceu nada.
Madalena - Aconteceu sim, se tu não quiseres contar ou contar.
Aluizio - Vamos, Cecilia, que tolice é essa de ^{querer} ~~coltar~~ de mim alguma coisa. Dar-me é o caso que não tenho confiança ~~no~~ no teu irmão?
Cecilia - Não, Aluizio, não é isto. É que eu não queria chorrear-te. *Só isto.*

- Aluizio - Deixa-te de tolices. Vamos, fala. Eu quero saber.
- Cecilia - É que notamos um ambiente de franca hostilidade á nossa presença e então resolvemos nos retirar.
- Aluizio - Um ambiente de franca hostilidade, dizes tu? Mas então para que vieram convidá-las?
- Cecilia - Bem, mas a hostilidade não partiu dos donos da casa e sim dos convidados.
- Madalena - Quando entrarmos nem queiras saber a maneira com que nos olharem.
- Aluizio - Talvez fôsse desconfiança. ~~Milculcul~~ Era natural que a presença de vocêa despertasse uma certa admiração pelo afastamento em que vocês viveram dois anos inteiros.
- Madalena - Mas não era natural que a cada roda que nos dirigissemos nos recibassem com tamanha frieza e em poucos momentos nos virassem as costas.
- Aluizio - Quem teve a coragem de fazer uma coisa dessas?
- Cecilia - Todos os nossos antigos amigos. Aqueles que nos bons tempos em que papai vivia na abastança vinham á nossa casa e banquetavam-se á nossa mesa.
- Aluizio - Ingratos! Deshumanos. O mundo é mesmo assim. Mas dona Honorina e as filhas não perceberam isto? Não tomaram nenhuma atitude?
- Cecilia - Procuraram prestigiar-nos, sim. Estiveram sempre conosco mas por mais que se esforçassem em introduzir-nos no meio dos demais convidados não conseguiram o seu intento. Nós já havíamos percebido a frieza de todos e nos retiramos a um canto, esperando o momento oportuno de nos afastar, quando Madalena ouviu dona Honorina dirigir-se a dois rapazes que tu conheces e pedir-lhes que viessem dançar conosco.
- Madalena - É. Eu vou dizer quem são eles. É botage oculto. O Santos Meira e o Coriolano.
- Aluizio - E o que fizeram eles?
- Cecilia - ~~Eu~~ Pediram á dona Honorina que os desculpasse mas que não desejavam dançar conosco porque se sentiam mal com aquilo. Que não já não pertenciamos á mesma classe delas e que seria uma coisa muito desagradavel. Dona Honorina esforçou-se em convencê-los de que nós apenas havíamos perdido a situação financeira, com a falencia de papai, mas que ainda eramos as mesmas criaturas de sentimento e de educação que elas haviam conhecido antes. Depois disto resolvemos retirar-nos.
- Aluizio - O Santos Meira e o Coriolano!... E pensar-se no que ambos devem a papai! É sempre assim. Mas vocês não se preocupem por isto e nem se deem por vencidas.
- Madalena - O Santos Meira chegou a acusar-nos pelo suicidio do papai. Dizia assim: "O velho era um bom homem, elas é que o levaram áquela ato de desespero. Gestavam o que não tinham coitado se viu tonto com as contes e resolveu a questão pelo modo que lhe pareceu mais simples."
- Cecilia - E precisavas ter visto as Rogueira o que fizeram. As Rogueiras que foram nossas vizinhas na rua Algéria. Tu devas te lembrar delas. Olharam-nos de alto e baixo e em pouco caso, voltaram o rosto e disseram bem alto para que nós ouvíssemos: "As festas da dona Honorina seriam muito melhores se não houvesse tanta mistura".
- Aluizio - E vocês o que fizeram?
- Cecilia - O que podíamos fazer? A única coisa compativel com a nossa educação. Calamos-nos e retiramo-nos.
- Madalena - Também fizemos cruz. Festa na sociedade nós não botaremos mais o pé.
- Cecilia - Eu me sentia tão humilhada que só tinha vontade de chorar.
- Madalena - E eu tinha ingratos de estofetar a todo o mundo que se torcia o nariz.

(*d'agua*)

Aluizio - Foi uma barbaridade injustificada o que fizeram a vocês. A vocês, não. A todos nós. Até mesmo a memória do nosso pai que foi melhor do que to dos eles. Tão bom ele foi que a bondade o perdoou. Mas não nos devemos abater por isto. É duro de suportar-se os salavancos do declive, bem sei, mas há um Deus por cima de todos nós. Um Deus que é bondade, piedade e justiça. Um Deus que promete, sempre, aos que se encontram na treva do abandono, uma rêsca de luz num dia que há de surgir no futuro. E agora vão deitar-se. Esqueçam isto e poupem à pobre mamãe — mais essa tristeza. Não lhe contem nada.

Controle: —————→ (CORTINA MUSICAL)

- Carlota - E então meu filho? Eu te esperava ansiosa para saber o resultado.
- Aluizio - O resultado não foi muito animador, mamãe. O pai de Suzana acha que é muito cedo para que ela se comprometa definitivamente e aconselhou-me a esperar mais dois anos.
- Carlota - Talvez ele tenha razão, meu filho. Não deves te aborrecer por isto. Suzana é, realmente, muito moça ainda. E depois dois anos passam depressa.
- Aluizio - Sim, mamãe, eu estou conformado. Esperarei pacientemente.
- Carlota - A melhor fase de vida, Aluizio, é a do noivado. Mais tarde tu has de compreender que eu tinha razão em te dizer isto. (Passos que se aprox.)
- Cecília - Mamãe, o seu bôlo está pronto. Deixei o forno aberto com receio de que ele tostasse de mais. Quer ir vê-lo?
- Carlota - Sim, minha filha eu vou. Depois conversaremos novamente sobre isto, meu filho.
- Aluizio - Está bem, mamãe, vá ver o seu bôlo. Depois teremos muito tempo para conversar. (Passos que se afastam).
- Cecília - E então que tal? Acertaste tudo com o teu futuro sogro?
- Aluizio - Acertei que nos desacertamos definitivamente.
- Cecília - Como assim? Não estou compreendendo.
- Aluizio - Vou te dizer a verdade mas não quero que mamãe saiba o que se passou. Não podemos definitivamente.
- Cecília - Não pôde ser, Aluizio! Tu e Suzana parecias querer-se tanto!...
- Aluizio - ~~mas~~ *Quarremos-nos* realmente, mas para certa classe de gente o querer não importa. Seu Paschoal é um destes. Mostrou-se tão preocupado e tão pesado de casamento da filha com um rapaz sem fortuna que acabei por me ofender e lançar-lhe em rosto verdades duríssimas.
- Cecília - Devias ter procedido com mais prudência, Aluizio.
- Aluizio - Se eu visse as coisas que ele me disse teria feito o mesmo que eu fiz. Chegou a dizer-me que estou perturbando a tranquilidade da vida dele e a boa marcha do destino da Suzana. Falou-me num amigo rico que teria já casado com a filha dele se não fosse ela estar comprometida comigo.
- Cecília - Um amigo rico! É isto. É o dinheiro. Sempre o maldito dinheiro a perturbar os nossos sonhos e envenenar a nossa felicidade. (Pausa) Suzana estava presente à entrevista?
- Aluizio - Não. Tinha ido à missa com a mãe.
- Cecília - E não soube de nada que aconteceu?
- Aluizio - Talvez a esta hora já tenha sido inteirada de tudo por ele.
- Cecília - Pois bem, deves esperar então que ela se manifeste. Estou certo de que ela não estará de acordo com o pai. Com toda a certeza vai mandar um mar-
te para te dar uma satisfação.

↓ d'aqui.

Aluizio - Mas eu não voltarei mais lá. Este fato veio me convencer de que o nome, o caráter, a bondade, o trabalho e/ a honestidade nada valem e nada representam quando não lhes sobredoura o fulgor da moeda. Só o dinheiro é que vale. Só o dinheiro. (Pausa longa) Mas eu te juro, minha irmã, pela memória do papai e pelas chagas do Crucificado que ainda hei de ser bem rico e poderoso para reabilitar a família aos olhos dessa sociedade de cadente e idiota e vingar-me, depois, de todos os que nos menosprezaram nesta fase de humildade que estamos vivendo. É o Deus que venho e respeito e à cuja imagem eu me curvo de joelhos, deixará de ser um Deus de direito e de justiça se não me conceder o que ambiciono.

Controle: → (CORTINA MUSICAL)

Suzana - Soube que partirias amanhã e como nunca mais me procuraste não quis que te fôesses embora sem que eu te visse.

Aluizio - Para que?

Suzana - Para dizer-te que não tive culpa do que aconteceu e que continuo a querer-te muito, como sempre.

Aluizio - É tólice tua. Não deves apegar-te a essa ideia. Teu pai deseja que te cases com rapaz rico.

Suzana - Que me importa o dinheiro, Aluizio? Desde cedo aprendi que ele nem sempre nos traz a felicidade.

Aluizio - Mas traz o conforto e a aparência de uma vida boa e a aparência é tudo para a sociedade atual. Quando uma moça casa com um rapaz de fortuna, ouve-se dizer a uma só boca: "Fez um ótimo casamento". "Está muito bem casada". A felicidade é medida pelos modelos que veste, pelo automóvel que anda e pela casa belíssima que mandou construir. Lá dentro, muitas vezes, quantas lágrimas vertidas em silêncio! Quantos abrigos! Quanta incompreensão! Quanta desilusão!

Suzana - Aluizio, deixemos tudo isto de parte. O que eu quero dizer-te é que te amo e esperarei por ti o tempo que quiseres.

Aluizio - Talvez seja muito tempo, Suzana. Não vale a pena esperar.

Suzana - ~~N~~ Porque tanto tempo? ~~uuuu~~ Espera mais um ano, apenas, até que eu seja maior e senhora absoluta de todos os meus atos.

Aluizio - ~~Nixixixixix~~ Não, Suzana. A experiência ensinou-me que o caráter e a honestidade de um homem nada valem sem o dinheiro. E foi ela que me animou e encorajou a buscar em outras terras a fortuna que eu aqui não logrei alcançar. Só voltarei ~~uuuu~~ quando a minha posição financeira me permitir olhar de cabeça erguida para aqueles que hoje escarneiam da minha pobreza. E a fortuna não se consegue, honestamente, de um dia para o outro. Ai está porque te disse que talvez demore muito tempo e não vale a pena esperar.

Suzana - Pois eu te esperarei, quer queiras, quer não. E ainda que leve uma existência inteira a trabalhar lá fora, se um dia voltares has de me encontrar esperando por ti. Hai de provar-te, assim, o quanto te amo.

Aluizio - É pena. Darás um grande desgosto a teu pai. Ele mesmo me disse que tinha para ti um ótimo pretendente. Um rapaz muito rico e de destacada posição no comércio e na sociedade.

Suzana - Nada me importa sinão a felicidade e esta eu tenho certeza de que só a sei tirar a teu lado.

Aluizio - É tarde, Suzana e seu pai ha de notar a tua ausencia. Você precisa voltar.

↓ d'aqui.

Suzana - Sim, mas não quero voltar sem que me dês a certeza de que me mandarás as notícias tuas.

Aluizio - Escrever-te? Não. Seria alimentar uma obstinação do teu espirito que deve se desvanecer para teu proprio bem e para tranquilidade de teu pai.

Suzana - Aluizio, terás a coragem de me deixar sair sem levar uma esperança?

Aluizio - Assim é preciso, Suzana. É para seu próprio bem.

Suzana - Está bem, Aluizio. (Pausa) Adous. (Pausa) (chorosa) Seja muito feliz.

Aluizio - Obrigado.

Controle: → (CORTINA MUSICAL)

(Muitas vozes e risos, fazendo fundo)

Uma voz - (falando para longe) Atencion, señores y señoras. (silêncio) Va empezar ahora el magnifico desfile de los artistas especialmente contratados por la dirección de la boite "Andaluz" con la apresentação de Paquita del Rio cantando. ~~xxxxxxxxxxxx~~ → (Muitas palmas e algazarras)

Estudio:

Controle: → (ouve-se o disco ~~xxxxxxxxxxxx~~ cantado por voz feminina) (Muitas palmas e vozes e risos e fazer fundo)

Estudio:

Out.voz - (para longe) En garçon!... (Passos que se aproximam)

Aluizio - Às suas ordens, meu senhor.

Out.voz - Quanto é a despeza?

Aluizio - ^{Centas} ~~Setenta~~ e dois cruzeiros, meu senhor.

Out.voz - Ah está. (Passos que se afastam)

Aluizio - Um momento, meu senhor. Eu ainda não lhe dei o trêco.

Out.voz - (afastada) Pôde guardá-lo.

Aluizio - Obrigado.

Controle: → (CORTINA MUSICAL)

Meira - Sente-se aí, seu Aluizio. Eu preciso falar com o senhor. (Pausa) Seu Aluizio, o senhor é um bom funcionário da casa, eu estou muito satisfeito com seu serviço, tenho observado que o senhor é um rapaz correto e etc., mas sou obrigado a lhe fazer uma pequena observação. O senhor assina sempre o ponto com atraso pela manhã. Porque?

Aluizio - Seu Meira, eu me reconheço merecedor da sua observação e vou empregar todo o meu cuidado no sentido de que essas faltas não continuem a se observar.

Meira - É possível que o senhor não tenha quem lhe desperte, pela manhã, mas se assim for, a questão poderá ser resolvida muito facilmente se o senhor quiser adquirir um despertador.

Aluizio - Não, seu Meira, a questão não é esta. É que eu me deito sempre às quatro horas da madrugada...

Meira - (interrompendo-o) Às quatro horas da madrugada!?!... ~~xxxxxxxx~~ Então o senhor pensa que o mundo vai se acabar? Olha que não ha natureza que resista a uma coisa destas!

Aluizio - É que eu trabalho também à noite, seu Meira.

Meira - Ah bem!... E que especie de trabalho é esse que o senhor faz?

Aluizio - Sirvo de garçon numa boite.

Meira - O senhor serve de garçon numa boite?!...

Aluizio - Sirvo, seu Meira, a compreendo bem o seu ponto mas foi o único trabalho rendoso que encontrei para as horas disponíveis.

Meira - Mas o senhor terá assim tanta necessidade de dinheiro? Não lhe basta o ordenado que tem aqui? Creio que para um rapaz solteiro mil e trezentos cruzeiros é um ordenado suficiente.

Aluizio - Mas eu tenho mãe, duas irmãs solteiras e um irmão mais moço que estuda, seu Meira. Os mil e trezentos cruzeiros que recebo em sua casa, mando-os inteirinhos à minha família.

Meira - Ah, bem. Mas o senhor poderia, talvez, conseguir um outro trabalho à noite mais compatível com a sua pessoa.

Aluizio - Não me interessa o gênero de trabalho, seu Meira, o que me interessa é o dinheiro que ele me possa render. O senhor se admira de eu lhe ter dito que sirvo de garçon de uma boite, pois saiba então que já ~~servi~~ fui chauffeur de taxi e limpador de ruas à noite.

Meira - Bem, seu Aluizio, o senhor é um esforçado e merece apoio. Gosto de um homem assim. A partir deste mês o senhor passará a receber em minha casa a importância de mil e quinhentos cruzeiros mensais.

Aluizio - Obrigado, seu Meira. Muito obrigado.

Controle: → (CORPINA MUSICAL)

Carlota - Que bom!... Ouça minha filha, ouça o que me diz seu irmão na carta que me escreveu: (lendo) "fui aumentado no meu ordenado e consegui mais algumas gorjetas para fazer à noite. Trabalho muito mas a verdade é que já comeciei a juntar dinheiro."

Tôtonio - A senhora devia mandar dizer pra ele que o dinheiro que ele nos manda é muito pouco e que a gente vive aqui numa ~~desgraçada~~ apertura.

Carlota - Ora, meu filho, então é pouco mil e trezentos cruzeiros? Toma-se pouco porque nós somos quatro a viver desse dinheiro mas nós não temos o direito de exigir mais de seu irmão.

Tôtonio - Mas se ele está juntando dinheiro não custava nada mandar aí mais uns duzentos bicos pra gente folgar um pouquinho.

Cecilia - Para você gastar em roupas e sapatos com a sua mania de elegancia, isso é que é.

Tôtonio - Pronto. Já a Cecilia meteu a colher torta no pudim dos outros.

Cecilia - Mas é mesmo. Você, ~~Voluptua~~ e a Madalena, ainda não se convenceram de que são pobres e como pobres devem viver. Só querem comprar coisas finas e caras, Tôtonio.

Tôtonio - Eu não tenho culpa de ter bom gosto. Mas não te mete que não é contigo que eu estou falando. Eu estou falando com a mãe. A senhora devia escrever pra ele, mãe e dizer que já que ele foi aumentado que mande um pouquinho mais para nós.

Carlota - Não, meu filho, não é direito. Ele já faz muito por todos e todos devem ajudar ~~ajudar~~ na fazer por ele, ~~ajudando-o~~, sujeitando-se a viver economicamente.

Tôtonio - Economicamente é uma coisa, mas viver na dependência maluca que a gente vive é outra. A Cecilia fala que eu gosto de gastar mas o que adianta gastar se eu não tenho o que gastar?

Cecilia - ~~Sabe~~ Pois é isso mesmo. Quem não tem não gasta. Você pensa que se eu pudesse não gostaria de andar bem vestida também? Não ando porque não posso.

Tôtonio - Mas você não sabe, não vão a parte nenhuma, não é como eu que todo o dia sou obrigado a ir à faculdade com esta roupa curreada e estes sapatos de couro que já nem tem mais pé. De vez em quando a turma lá é convidada pra qualquer coisa e eu não posso ir porque não tenho roupa.

Carlota - Ora, meu filho, não diga isto. Como é que não tem roupa? Você tem. Não é uma roupa fina mas é uma roupa na altura das suas pernas.

Tôtonio - Uma roupa de quatrocentos e cinquenta cruzeiros. Então eu vou me meter aí numa festa de gente grãfia com uma roupa desse preço? Não não. Prefiro não ir. Puxa! Quando será que eu vou me libertar desse ~~me~~ me serfismo?

Cecilia - Estude bastante, trate de não regretar nenhum ano que em pouco tempo você estará formado, trabalhando e então poderá ganhar o suficiente para fazer roupas finas e comprar sapatos caros.

Estêvão - Puxa mas também quando eu começar a ganhar eu vou juntar dinheiro e a primeira coisa que eu vou fazer é comprar uma barata bem alinhada para passar ser chispando na rua e olhar de dia ~~para~~ essas gurias bestas que hoje fazem pouco de mim.

Cecilia - Fois é, quando você ganhar dinheiro gaste lá como quiser, por ora você vive à custa do seu irmão. Não tem o direito de esbanjar.

Estêvão - É a vida triste a pobreza, he in mãe? Puxa coisa pau.

Carlota - A pobreza é triste, meu filho, para aqueles que não são resignados e só olham os que estão em plano superior aos todos os que quiserem olhar para trás não do sempre encontrar consolo. Não há pobre que procedendo assim não encontre outro ainda mais pobre.

Controle: → (CORTINA MUSICAL)

Madalena - (zangada) Tu não tens nada com a minha vida. Cuida de tua que não fazes pouco.

Cecilia - Não tenho nada com a tua vida mas tenho com as contas que me aparecem no fim do mês para pagar.

Madalena - Não és tu que entras com o dinheiro. É o mano Aluizio.

Cecilia - Mas sou eu a encarregada de tudo e quando as contas excederem ao que dá, ponos também não és tu que vais inventar desculpas aos credores.

Madalena - Quando não se pegar num mex ~~se~~ paga ^{se} outro. Eles não morrem por esperar.

Cecilia - Ora veja! Cento e setenta cruzairós por um corte de vestido! Se queres gastar assim porque não te empregas?

Madalena - Eu não. Não nasci para trabalhar.

Cecilia - E se não tivesses o mano Aluizio como te arranjarias?

Madalena - Eu dava um jeito no corpo. Que diabo, eu parece que não sou tão feio nem tão desageitada assim.

Cecilia - Madalena, deixa de ser louca. Se Mãe te ouvisse!

Madalena - Ora louca! Louca porque digo o que sinto? O que adiantamos até hoje com o nosso juizo e as nossas boas maneiras? Nada. Absolutamente nada.

Cecilia - Cala-te Madalena. Ao menos em respeito à memoria de Papai que tanto se esforçou por nos educar. Não manifestes essas ideias loucas. Isso é o resultado desse grupo de malucos a quem te juntaste agora.

Madalena - Bem, não te cabe o direito de insultar os meus amigos. Sejam malucos, ou sejam lá o que quizeres mas são meus amigos e eu não admito que falem ~~mal~~ *mal deles*.

Cecilia - Has de ganhar muito em tais companhias.

Madalena - Pelo menos me divirto e ninguém faz pouco de mim.

Cecilia - Não havia necessidade de te divertiras até altas horas da madrugada. Esse teu procedimento é reprovavel e desfaz o bom nome que papai nos legou.

Madalena - Ora nome! Que me importa nome? Ele também nos legou muitas outras coisas que não mereceram a menor consideração da sociedade. Tu bem viste o que nos aconteceu quando fomos à festa em casa de Dona Honorina. Pensa que me esqueci daquilo? Nunca mais.

Cecilia - Mas porque a sociedade não tomou em consideração a herança moral que re-
ceberamos, não seremos nós que deveremos desprezá-la.

Madalena - Ora, sabe o que mais, Cecilia? Eu não estou nada disposta a lições de mo-
ral. O vestido já está comprado e acabou-se. Eu não vou devolvê-lo agora
porque nem a casa irá aceitá-lo. Queres pagá-lo pago e se não quizeres
eu hei de arranjar que me empreste dinheiro.

Cecilia - Vou pagá-lo, sim. Que remédio! Mas que não se repita uma coisa destas
porque tu bem sabes o desequilíbrio enorme que isto ocasiona no nosso
minguado orçamento. E além disto nós também não temos o direito de sa-
crificar mais o mano Aluizio.

Madalena - Está ^{ainda} bem, moralista, está bem. Tchau. (Passos que se vão)

Cecilia - Madalena e Tótonio! Dois revoltados ante a pobreza que nos envolve!...
Dois? Não, três. Porque não dizer a verdade? Eu também me revolto contra
ela. A diferença consiste, apenas, em que eu me calo. Eu me calo mas sinto.

Controle: → (CORTINA MUSICAL)

Novais - A senhora por certo ha de extranhar a minha presença em sua casa, depois
de uma ausencia tão longa e inexplicável, não é verdade dona Carlota?
Pois bem, eu explico a razão. Desde a morte do finado Macedo, o seu mari-
do - bom amigo! Bom e saudoso amigo!... - que eu jurei a mim mesmo de fa-
zer alguma coisa pela sua familia. Eramos tão amigos... irmãos quasi;
constituia quasi um dever para mim interessar-me pela sorte dos seus. E
foi assim que comecei a estudar um meio de arranjar qualquer coisa para
o Aluizio. Nesse meio tempo não sei se a senhora soube o que me acon-
teceu...

Carlota - Mais ou menos. Esteve alguém aqui em casa que me disse que o senhor ti-
nha adoecido gravemente.

Novais - Uma coisa horrivel!... Uma coisa horrivel!... Quasi que fui fazer compa-
nhia ao Macedo. Bom amigo! Bom e saudoso amigo; ^{o Macedo!}...

Carlota - Logo que fui sabedora mandei o Aluizio fazer-lhe uma visita em nosso no-
me mas ele já não o encontrou mais no Hotel onde o senhor morava.

Novais - Tive que escapar-me, do dia para a noite, com toda a minha bagagem, para
uma estação de águas em Minas Gerais. Lá, em vez de conseguir as melhoras
que procurava, o mal se acentuou ~~mais~~ mais ainda. Embarquei para o Rio.
Estive mais de um mês em tratamento rigoroso com um especialista e só ao fim
desse tempo é que obtive um resultado satisfatorio. Hoje, felizmente, já
estou quasi bem.

Carlota - Mas o que foi que o senhor teve, afinal, seu Novais?

Novais - Uma maldita erizipela que quasi me leve a fazer companhia ao Macedo. Ah,
o Macedo. Bom amigo. Bom e saudoso amigo!...

Carlota - Pois nós aqui estávamos completamente sem noticias suas. Ha pouco tempo
é que eu fui saber que o senhor estava no Rio. Não se lembro quem foi que
me disse.

Novais - Eu deveria ter vindo aqui me despedir, quando embarquei, mas foi uma vi-
gem tão inesperada que não me deu tempo para coisa alguma. Pensei assim:
bem, depois de lá eu escrevo uma cartinha á dona Carlota explicando os
motivos do meu desaparecimento. Como o mal logo se agravasse, em vez de
declinar, fiquei tão nervoso e tão desmorteado que nem me lembrei de man-
dar noticias a ~~uma~~ ^{ninguém} ~~ninguém~~.

Carlota - Era natural. Eu compreendo essas coisas e não reparo.

Novais - Agora, ao regressar, o meu primeiro pensamento foi para a familia do meu
bom amigo Macedo. Ah, bom amigo! Bom e saudoso amigo. Tratei logo de pro-
curar saber alguma coisa da senhora e dos seus e então fui informado de
que o Aluizio havia transferido a sua residencia para fora daqui e que
a senhora, com os outros filhos, deixara a antiga casa e se instalara aqui.

Carlota - Nós não podemos continuar a pagar um aluguel tão alto. Podemos obrigados a procurar uma casa menor.

Novais - Eu compreendo, dona Carlota, eu compreendo. Mas voltando ao assunto que estávamos tratando, fiel ao juramento que havia feito de auxiliá-los, fui procurar os meus antigos companheiros, todos aqueles que se haviam aprumado na vida, na esperança de que algum deles me pudesse dar apoio no meu plano de auxiliar a senhora e os seus filhos.

Carlota - Ora, seu Novais, muito obrigada. Eu me sinto até convida com esse povo de interesse e de amizade.

Novais - Mas é claro. Era um dever que me assistia. Eu e o Macedo eramos quase irmãos. Ah o Macedo! Bom amigo. Bom e saudoso amigo!... Encontrei, felizmente, o Torquato Pontes - que também foi nosso companheiro da escola, tanto meu como do Macedo - e ele se prontificou a dar um lugar muito bom no seu escritório e qualquer uma das suas meninas ou mesmo as rapas. E foi esse o motivo que me trouxe aqui.

Carlota - As meninas eu não desejava que trabalhassem fora de casa, seu Novais. Talvez seja uma grande tolice da minha parte mas o senhor compreende... *Da maneira como elas foram educadas...*

Novais - Compreendo, dona Carlota. Compreendo perfeitamente. Mas o Totônio ficará muito bem lá com o Torquato. O Torquato é muito bom, muito generoso e além disto foi também um grande amigo do Macedo. Ah o Macedo! Bom amigo. Bom e saudoso amigo. *o Macedo!*

Carlota - Sim, o Totônio talvez pudesse trabalhar, a questão, entretanto, é que ele está cursando a Faculdade de direito... faltam-lhe apenas dois anos para se formar... eu tenho pena... Era um desejo tão grande do Macedo formar os seus filhos...

Novais - Mas ele poderá trabalhar e continuar os seus estudos à noite. O que será verdadeiramente de lastimar é que ele deixa fugir uma oportunidade tão boa como é essa de trabalhar com o Torquato. E ~~depois~~ depois o ordenado para principiar é um ordenado muito bonito. São mil e quinhentos cruzeiros mensais.

Carlota - É, realmente, é um bonito ordenado. Pois bem, seu Novais, eu não posso lhe responder sem falar com o Totônio. Hoje à noite conversarei com ele a respeito e depois ele irá procurá-lo. Está bem assim?

Novais - Muito bem, muito bem, dona Carlota. Aqui lhe deixo o meu cartão com o meu novo endereço. Pela parte da manhã estou sempre em casa. Geralmente é tarde à que eu saio para dar uma voltinha. A gente precisa andar para não enferrujar as molas.

Carlota - ~~Sim, é muito bom.~~ *ele* Pois seu Novais eu fico muito grata ~~com~~ pelo interesse que temem por nós e...

Novais - Ora, ora, dona Carlota, não diga isso. Agradecer-me o que? Eu não faço mais do que o meu dever. Foi uma promessa que fiz junto ao cadáver do Macedo. Ah o Macedo! Bom amigo!... Bom e saudoso amigo!... Bem, dona Carlota, eu não lhe roubo mais o tempo. Diga então ao Totônio que deprecie passe lá e transmita às suas meninas os meus respeito. Passe bem, passe bem.

Carlota - Passe bem, seu Novais. Muiíssimo obrigada.

Controle: → (GORTINA MUSICAL)

Cecília - Mas é uma judiaria você deixar os estudos, Totônio.

Totônio - Ah e tu queres que eu vá arrabiar e chupar cana ao mesmo tempo, é?

Cecília - Quanto a rapazes que estudam e trabalham ao mesmo tempo, Totônio? *uma* Tendo boa vontade você acomoda as coisas perfeitamente.

Totônio - Ah não, minha filha. Pra burro de carga eu não sou. Ou bem faço uma coisa ou bem faço outra.

Cecília - Pois então eu vou lhe dizer que acho preferível você desistir do emprego e continuar estudando.

Tótônio - Tu é louca? Então tu pensa que eu vou largar um emprego de mil e quinhentos cruzeiros assim no mais? Pois sim. Puxa que mil e quinhentos cruzeiros vai dar pra eu andar numa pinta cachorra.

Cecília - Está mal, Tótônio, você já está pensando em gastar o dinheiro em roupas.

Tótônio - E em que mais é que você pretende que eu gaste?

Cecília - Você terá que ajudar um pouco a mamãe. Aliviar a carga enorme que o pobre Alcizio tem sobre os seus ombros.

Tótônio - Pois eu me vestindo e fazendo a minha despesa eu já não alivio? Alívio.

Cecília - Será uma lastima' você deixar os estudos. Você não tem ambição de se formar Tótônio?

Tótônio - Eu não dou bola pra esse trôço. Eu quero é dinheiro para poder andar na pinta. Isso é o que interessa as donas boas e o que me interessa também.

Cecília - Mas Tótônio! Será possível que você tenha farelo dentro da cabeça? (Passos que se aproximam) Então você não compreende que com o seu título você será outro homem e as suas perspectivas de futuro serão muito maiores?

Medalena - Ih meu Deus! Perspectivas de futuro! Agurata a lição de moral, Tótônio.

Cecília - Bem, agora mesmo é que eu não consigo mais nada. Chegou a derrotista.

Medalena - O que é que há? Vamos ver... pôde ser que desta vez eu esteja de acordo com o seu ponto de vista.

Tótônio - A Cecília quer que eu me empregue e estude de noite.

Medalena - Ah é muita coisa. Resulta que você acaba não fazendo nenhuma das duas ^{coisas} coisas reitas.

Tótônio - Pois é. Tá aí, viu? A Medalena é muito mais botata pra pensar as coisa do que você.

Cecília - Pois bem, neste caso você faça lá o que quiser mas depois não se arrependa.

Tótônio - Eu nunca me arrependi do que fiz. Me arrependi de muita coisa que deixei de fazer, isso sim. E a conversa está muito boa mas eu tenho que sair pra procurar o meu Novalis porque ele disse pra velha que só está em casa lá manhãzinha. Se o Virgílio aparecer aí ligar-me eu tive que sair e que ele volte às duas horas. (Passos que se afastam)

Medalena - Para que essa cara de desânimo sua bobalhona? Sua idiota!

Cecília - É uma pena, Medalena. Eu não me confesso do Tótônio abandonar os estudos.

Medalena - Olha aqui, pois então para que não fique nessa desolação tão grande eu vou te dizer a verdade. O Tótônio há muito tempo que não comparece às aulas da Faculdade.

Cecília - O que? O que é que tu estás me dizendo?

Medalena - A verdade. Puramente a verdade. Na vez de ir para as aulas ele vai com os amigos jogar bilhar num barzinho por aí.

Cecília - Que horror!... ^{mas!} Isso é quase uma infâmia do Tótônio. O coitado do Alcizio trabalhando lá como um burro de carga para nos proporcionar uma vida melhor e o Tótônio a bater fora o seu dinheiro com as fôças nos estudos.

Medalena - Ah minha filha, no mundo existem duas classes de homens. Os bobos e os espertos. O Tótônio pertence à classe dos espertos. (Passos que se afastam)

Cecília - (perceativa) E devem existir também duas classes de mulheres. As inteligentes e as tolas. ^{é eu,} positivamente, ^{devo ser uma grande mulher} ~~eu sou uma grande mulher~~

Controle:

(CORTINA MUSICAL)

Suzana - O senhor desejava falar comigo, ~~afirmação~~ Papai?

Paschoal - Sim, minha filha, preciso muito conversar contigo. Senta-te aí. Tua mãe já te disse mais ou menos o que espero de ti?

Suzana - Não, papai. Ela me disse, apen^s, que viesse ao gabinete porque o senhor precisava falar-me.

Paschoal - Pois bem, então, antes de entrar no assunto que motivou esta nossa entre-
vista, eu te farei algumas perguntas. Tu não ignoras que te quero muito
bem, não é assim?

Suzana - Ora, papai... francamente... como poderia pensar outra coisa do senhor?

Paschoal - Muito bem. E não ignoras, também quantos sacrifícios tenho feito pela
tua felicidade e bem estar. Não é verdade também?

Suzana - Sim, papai. O senhor sempre me proporcionou uma vida boa e confortável.

Paschoal - Terás, talvez, uma ou outra queixa do teu velho pai, mas se esmiuças
bem a origem dessas queixas verás, ainda, que se uma ou outra vez contra-
riei os teus desejos foi visando exclusivamente a tua felicidade.

Suzana - Eu nunca disse a ninguém que tivesse queixas do senhor, papai.

Paschoal - Bem sei, bem sei. És uma boa filha. Mas a verdade é que muitas vezes, lá
no teu íntimo, **deves ter ficado magoada** por eu não te ter satisfeito cer-
tos desejos. Quero, no entanto, que creias que às vezes as que fui obriga-
do a negar-te qualquer coisa foi com profundo pesar para o meu coração
e por sentir unicamente que essas coisas não estavam bem. Agora o prin-
cipal que tenho a dizer-te é o seguinte: o Rafael Augusti procurou-me
ontem à noite para pedir-te a tua mão em casamento.

Suzana - O Rafael Augusti, Papai?!... Mas nós nunca fomos namorados, sequer.

Paschoal - Não importa, Suzana. Ele sempre te quis muito bem e só não manifestou
o seu amor por ti porque tu tinhas lá aquela namora de brincadeira com
o Aluizio e ela não achava direito intrrometer-se.

Suzana - Namora de brincadeira com o Aluizio, Papai? Não, o senhor enganou-se.
Eu quis e quero ainda muito ao Aluizio. ~~Aluizio~~

Paschoal - Mas é uma tolice tua, minha filha. Ele foi embora, nunca mais mandou no-
ticia alguma... Sabe lá, até, se hoje já não estará casado.

Suzana - Não creio, papai. Aluizio nunca mais me mandou notícias porque é orgulho-
so e sentiu-se ferido pela sua recusa mas quanto a ter se casado com ou-
tra eu não acredito.

Paschoal - Tu és muito ingênua, minha filha! Não conheces nada da vida. Não ha ho-
mem, por mais orgulhoso que seja, que perca um amor verdadeiro por for-
ça do seu orgulho. Ele já te esqueceu, póles estar certa.

Suzana - Pois bem, admitindo ~~isso~~ que ele me tenha esquecido, eu ainda não con-
segui esquecê-lo, ~~mas~~ e sendo assim não poderei casar-me com Rafael
Augusti, papai.

Paschoal - Mas isso é uma refinada loucura da tua parte, Suzana. Rafael é um rapaz
muito rico e além do mais distintíssimo. Serias um ótimo casamento.

Suzana - Não, meu pai. Prefiro morrer solteira a unirme a um homem a quem não
tenho amor.

Paschoal - Se soubesses que sentença terrível tu lanças sobre a nossa vida com essa
declaração...

Suzana - Como? O que se passa, meu pai? Vamos. Conte-me tudo.

Paschoal - Não, minha filha. Eu também não tenho o direito de exigir de ti um sa-
crifício para salvar-me. Seria um grande egoísmo da minha parte.

Suzana - Para salvá-lo, disse o senhor? Não. Eu não admito que o senhor se cale. Quero que me conte tudo. Exijo que me conte tudo!

Paschoal - Pois bem, filha, já que é por tua vontade, eu te vou dizer. Meu pai, (convidado) velho homem de negócios e lutador infatigável, depois de ter atingido a uma invejável situação no comércio, encontra-se, hoje, a braços com a miséria!...

Suzana - (atônita) Papai!...

Paschoal - A braços com a miséria, sim. As dívidas são enormes e não encontro meios de satisfazê-las. Expira dentro de duas semanas o prazo que me foi concedido para me ser decretada a falência.

Suzana - A falência!...

Paschoal - A falência, sim. E sabes tu o que isto representa na vida de um velho e mercedoso como eu? A morte pelo traumatismo moral.

Suzana - (assustada e chorosa) Não Papai.

Paschoal - A morte, sim, porque eu tenho certeza absoluta de que não poderei resistir a um golpe tão rude. E pior do que isso, ainda, é a miséria em que vocês ficarão. Se aceitasses o pedido de Rafael Augusti ele entraria para sócio da firma, pagariam as nossas dívidas e teria eu então um novo alento para recomeçar a luta e vencer novamente.

Suzana - (chorosa) Pois bem, papai... sendo assim... o senhor pôde dizer ao Rafael que o aceito.

Paschoal - Minha filha. (chorando) Minha filha querida!... Eu tinha a certeza absoluta de que tu me salvarias!...

Controle: → (CORPINA MUSICAL)

Carlota - Ora, minhas filhas, uma coisa que eu lhe quero pedir: se alguma de vocês escrever ao Aluizio por favor não lhe mandem contar nada a respeito do casamento de Suzana, sim?

Madalena - Ora que tolice, mamãe, Aluizio nem está se lembrando mais se Suzana existe ou não existe.

Carlota - É o que tu pensas, minha filha. Conheço-lhe bem o coração.

Madalena - Mas se ele não escreveu uma carta que fôsse, para ela, em todo esse tempo!

Carlota - Não importa. Ele não escreveu porque é muito orgulhoso mas o seu coração pulsa ainda hoje por ela como pulsava há dois anos atrás.

Madalena - Qual nada, mamãe. Isso é amor passadista. Amor de romance e Aluizio é um rapaz moderno, um rapaz de época.

Carlota - Pois bem, vê lá que seja assim como dizes mas não vale a pena falar nada a ela.

Cecília - Suzana fez muito mal, a meu ver, casando-se com um rapaz a quem não ama em absoluto.

Carlota - Isso é o que nós supomos, minha filha, mas pôde muito bem ser que ela tenha mudado. Tudo neste mundo é suscetível de mudança, até mesmo o sentimento.

Cecília - Mas a questão é que ainda há muito pouco tempo ela me disse na rua que continuava inteiramente a mesma para Aluizio. Que não havia mudado em coisa alguma.

Beu, isso dela. Ter afirmado não tem a menor importância.
Madalena - Isso toda a boca diz até que lhe apraz ~~o~~ outro. ~~procurando~~ É a dos culpas de todas para justificar a falta de outros pretendentes.

- Cecilia - Pois se foi isso o que ela fez, procedeu muito mal. Eu não teria escrito tantas vezes ao Alvízio alimentando-lhe as ilusões. Já que lhe prometia constância sem que ela a pedisse, deveria mantê-la a qualquer custo.
- Madalena - Pois eu não penso como tu. Acho que se lhe apareceu um pretendente rico, capaz de satisfazer-lhe qualquer capricho que ela fez muito bem aceitar.
- Cecilia - Oh Madalena! Tu pensas assim, realmente?
- Madalena - Está claro que penso, óra essa!
- Carlota - Que horror, minha filha! Quer dizer então que o dinheiro para ti está acima de qualquer compromisso?
- Madalena - Acima de qualquer sentimento, quanto mais de compromissos. Na época que atravessamos é que vale verdadeiramente é o metal sonante. Amor, dedicação, promessas e sacrifícios são tolices românticas que já não se admitem. E tenho dito. Vou tratar de jantar que a minha turma já está toda combinada para um fandango de bamilho!...

Controle: → (CONTINUA MUSICAL)

- Novais - Fiquei muito satisfeito quando soube que Totônio resolvera aceitar o emprego. Seria uma lástima que ele perdesse a oportunidade de aproveitar a boa vontade do Torquato. E o Torquato está muito satisfeito com o trabalho dele - disse-me ontem.
- Carlota - Antes assim, seu Novais. Antes assim. Eu só lamento que por causa do emprego ele tivesse desistido de estudar, em todo o caso eu não quis insistir porque fiquei com pena de sacrificá-lo.
- Novais - Não lamente não, dona Carlota. Não lamente porque ele lê com o Torquato na de fazer uma carreira rápida e brilhante. A senhora veja que já o ordenado inicial é um ordenado bonito. Mil e quinhentos cruzados para começar, hoje em dia, é um ordenado que não se encontra tão facilmente. Deve estar lhe fazendo um grande arranjo na vida esse dinheiro, não é verdade?
- Carlota - Por óra ainda não, seu Novais, porque o Totônio estava muito desprevenido de roupa e de calçados e não podia continuar assim. Tinha que se apresentar melhor no emprego, de forma que tudo o que recebeu nestes dois meses foi para melhorar a sua apresentação. Agora, depois de um certo mês, naturalmente, ele já começará a cuidar-se nas despesas, e está certo.
- Novais - É preciso, é preciso. Eu de vez em quando hei de procurar lembrar ao Torquato que ele é filho do Macedo. Ah o Macedo. Bom amigo! Boa e saudoso amigo! É verdade que os mortos nos veem de lá de onde se encontram, ele deve estar satisfeito comigo pelo interesse que tomei por seu filho.
- Carlota - Ah, seu d'ávida. Satisfeito e agradecido, da mesma forma que eu.
- Novais - Pois eu há dias, já, que projetava esta visita à senhora, dona Carlota. Queria dizer-lhe que o Torquato estava muito satisfeito com seu filho e ao mesmo tempo falar-lhe a respeito das meninas. Eu talvez não tenha o direito de interceder na vida delas, bem sei, mas... que diabo! Finalmente elas são filhas do Macedo. Do meu bom amigo! Do meu bom e saudoso amigo! A senhora há de me perdoar e compreender a minha intenção.
- Carlota - Está claro, seu Novais, fale. Dou-lha esse direito, como não?
- Novais - É que as meninas... - coisar da sociedade e gente compreende - mas estão enveredando por um caminho completamente errado.
- Carlota - O que é que o senhor está me dizendo, seu Novais?
- Novais - Bem sei que vou aborrecê-la, mas o meu dever de amigo é preveni-la.
- Carlota - Fale, pelo amor de Deus! Eu já estou ficando aflita, seu Novais.
- Novais - Bem, mas o caso ainda não é para afligê-la. Tudo se pôde ainda remediar.

Carlota - Conte-me então tudo o que sabe e dê-me o seu conselho, meu amigo.

Novais - Principiamos pela mais nova. A Madalena. Essa menina expõe-se sózinha, à noite, em companhia de um rapaz de pessimos antecedentes e que tem sido a demoralização de muita moço da sociedade. É um rapaz que só tem dinheiro e ~~a~~ ^{o tempo} ~~emprego~~ ^{para} girar provento das moças de quem se aproxima. A senhora precisa chamá-la e ordenar e proibi-la terminantemente de andar em tal companhia. Estou certa de que ela não deixará de obedecê-la.

Carlota - Madalena é muito rebelde, seu Novais. Não será tão fácil como o senhor imagina.

Novais - Mas fale com energia, dona Carlota. Faça impor a sua autoridade de mãe.

Carlota - Se fosse Cecília tudo seria mais fácil. Cecília é uma cordata, é mais dócil. Mais obediente mesmo.

Novais - E Cecília está procedendo mal, igualmente. *↳ d'aqui* Conversa todas as noites na praça com um rapaz que é pouco conhecido aqui mas que já se sabe informaram seguramente ser casado e separado da mulher.

Carlota - Minha Virgem Santíssima!...

Novais - E digo-lhe mais: sei até que ele tem um filho de sete anos. Talvez que ela ignore tudo ~~isso~~ mas de qualquer maneira não deveria expor-se sem o conhecer.

Carlota - Está claro. Pois seu Novais eu lhe agradeço muito o seu aviso e vou falar às meninas sobre ~~isso~~ o que o senhor ~~diz~~ *está me dizendo.*

Novais - Mas não lhes diga que as informações foram dadas por mim. Quando as moças estão embaraçadas nunca recebem bem a intervenção de um terceiro. Eu conheço bem a vida e sei o que isto é. E perdô-me de aborrecê-la mas eu não poderia proceder de outra forma. Afinal... trata-se das filhas do Macedo. O mau bom amigo! O meu bom e saudoso amigo Macedo!... Eu não poderia deixar de avisá-la.

Carlota - Está claro, seu Novais. Está claro. Obrigada. *Fico-lhe* muito obrigada.

Controle: —————→ (CORTINA MUSICAL)

Madalena- (maliciosa) É mentira tudo isto. Quem lhe disse está enganado.

Carlota - Quem me disse conhece-o muito bem, minha filha.

Madalena- Orlando é um ótimo companheiro e muito respeitador. Não vejo porque devia afastar-me da sua companhia.

Carlota - Está bem, minha filha. Vá lá que seja, mas pelo menos deve evitar de andar sózinha com ele à noite.

Madalena- Nunca andei sózinha com ele. Andamos sempre em grupo. A pessoa que lhe informou é algum espírito de porco. Eu gostaria de saber quem é para olhar na cara e dizer-lhe mais dúzias de verdades.

Carlota - A pessoa que me informou teve a melhor das intenções. ~~Não~~ ~~há~~ ~~razão~~ de você ficar assim tão exaltada.

Madalena- Não há razão uma história. Então todo o mundo se arrega o direito de se meter na minha vida e eu devo me submeter passivamente? Não senhora. Nin guem tem nada comigo. Ninguém se dá de vestir nem de comer, logo deixem-me descansada que é o melhor que fazem. Eu sei o terreno onde pizo e não preciso dos conselhos de ninguém.

Carlota - Está bem, minha filha, está bem. Desculpe-se lhe aborreci. É que eu fiquei tão aborrecida, tão preocupada...

Madalena- Não há razões para aborrecimentos nem preocupações. Eu sei o que faço.

Controle: —————→ (CORTINA MUSICAL)

Cecilia - Não pôde ser, mamãe! Admar é tão bom, tão educado, tão fino, não acredito que fosse capaz de uma baixeza tão grande.

Carlota - Infelizmente é verdade, minha querida. Sei mais, até. Sei que ele tem um filho de sete anos que se encontra na companhia da mulher.

Cecilia - Mamãe!... Será mesmo possível tudo isto? (Pausa) Que desencanto para mim. Não porque ele seja separado da mulher e tenha um filho. Isso seria pouco diante de um grande amor, mas por ter ludibriado a minha boa fé.

Carlota - Tu não o verás nunca mais, não é verdade Cecilia? É tua velha mãe quem te põe.

Cecilia - Não sei, Mamãe. Eu desejava falar-lhe ainda uma vez para dizer-lhe toda a repulsa que a sua atitude me causou. Desejava ter o prazer de dizer-lhe cara a cara, que é um impostor e um intrujão. Um aproveitador da credulidade da boa fé alheias.

daqui

Carlota - Não vale a pena, minha filha. Seria melhor que não o visses mais e trates-se de esquecê-lo.

Cecilia - Esquecê-lo, sim. Bem sei que deveria esquecê-lo mas o amor que lhe consigo é grande demais para que possa consegui-lo assim de um dia para o outro. Vou sofrer muito, mamãe. Muito. Já estou sofrendo, mamãe, por tanto o querer.

Carlota - Mas tudo passa, minha querida. O tempo é um grande remédio para os males de amor. Confia nele e em Deus que é todo bondade e misericórdia.

Cecilia - Mamãe: eu estou resolvida. Vou falar-lhe ainda uma vez. Cinco minutos, dois minutos mas vou falar-lhe. Preciso dizer-lhe o que sinto para que as palavras não me queimem a boca. Mas a senhora não se preocupe. Esteja descansada que esta vez será a última.

Controle: → (CORTINA MUSICAL)

Carlota - Mas meu filho, este é o quinto mês em que você recebe o seu ordenado e não dá um centavo em casa.

Tótônio - Não posso dar, mãe. O dinheiro não chega.

Carlota - Como não chega? Não chega porque você gasta demais. O seu ordenado é grande.

Tótônio - Mas quanto a senhora pensa que custa uma roupa boa hoje em dia? ^{Mais de} ~~quatro~~ mil cruzeiros. Eu tenho que andar bem vestido, eu não posso andar como qualquer vagabundo.

Carlota - Mas não há necessidade de fazer tantas roupas, meu filho.

Tótônio - Que tantas roupas? Eu fiz só quatro. De minha terna eu sou o que tenho menos roupa. O Ariovaldo tem oito ou nove, o Berilo tem uma dúzia, pelo menos e o Camargo nem se conta, ~~acima~~ passa um mês inteiro mudando um terno cada dia. Eu já faço a figura entre eles com quatro roupas e a senhora ainda acha que eu tenho muitas? E depois, mãe, eu vou ter que lhe dizer uma coisa: quando eu não ganhava nada a senhora se arranjava com o dinheiro que o mano Aluísio mandava, por conseguinte a senhora pôde se arranjar do mesmo jeito e não há razão nenhuma de procurar tirar do que eu ganho. E tchau, sabe? Vou embora que a turma está me esperando. (Passos que se afastam)

Carlota - (após uma pausa) Que diferença, meu Deus!... Que diferença entre Tótônio e Aluísio!...

Controle: → (CORTINA MUSICAL)

Cecilia - O que desejo do senhor é o seguinte, seu Novalis: que o senhor procure consolar a mamãe da minha fuga.

Novalis - Mas menina não faça isto!... Você vai enlamear o nome da sua família. Seis rapas é cusado e não poderá mais tanta variedade e mal praticado.

Cecilia - Eu sei de tudo, seu Novais. Eu sei de tudo! Mas Deus sabe também o esforço enorme que empreguei para esquecer-lo. O amor foi mais forte do que a minha vontade de não pecar.

Novais - Sua mãe vai sofrer terrivelmente. Volte para a sua casa.

Cecilia - Não posso, seu Novais. Não tenho forças para deixar de segui-lo. O senhor ^{me} pede o impossível. Procure acompanhar e consolar mamãe. E quando lhe der a notícia tenha cuidado, seu Novais. Vá dizendo aos poucos, de vagarinho, para que ela não tenha um choque muito forte.

Novais - Pobre D. Carlota! Quantas surpresas amargas Deus lhe reservou para o fim da vida.

Cecilia - Quantas surpresas? Porque quantas? Há alguma outra além destas?

Novais - Por enquanto ainda não mas sua irmã qualquer dia seguirá destino igual ao seu. (Cecilia começa a chorar) Vámon, Cecilia! Ainda é tempo de considerar o seu ato. Pense o que será a vida de sua mãe depois...

Cecilia - (interrompendo-a, chorosa e desesperada) Cale-se, seu Novais. Cale-se pelo amor de Deus! Não me diga mais nada porque só me fará sofrer ainda mais e eu não terei forças para renunciá-lo. (Buzina de automóvel) Meu Deus! É ela que me chama. Tenho que ir. Adeus!... (Passos precipitados que se afastam).

Estúdio-Cecilia

Novais - (chamando-a forte) Cecilia! (Pausa) Cecilia! Qual! Está louca. Completamente louca! Pobre do Macedo!... Quanto sofreria hoje se fosse vivo!... Ah o Macedo! Bom amigo!... Bom e saudoso amigo!...

Cecilia!

Controle:

→ (CORTINA MUSICAL)

Madalena - (tom de sarcasmo) Alô! É você Orlando? (Pausa) Sou eu, Madalena. (Pausa) Tive uma briga formidável com a mãe por sua causa. (Pausa) Não, não se preocupe. Tudo isto vai acabar. (Pausa) O que vou fazer? É muito simples. Resolvi aceitar sua proposta. (Pausa) Hoje mesmo se você quiser. (Pausa) Vai tirar as passagens? (Pausa) E você me telefona depois? (Pausa) Bem, então, façamos uma coisa. A que horas passa o trem? (Pausa) Sim. (Pausa) Então é mais ou menos você me encontra com o automóvel na esquina que eu lhe encontrá-lo. (Pausa) Adeus. Um beijo para você. (RUIDO DE DESLIGAR O TELEFONE)

Controle:

→ (CORTINA MUSICAL)

Novais - É lamentável, dona Carlota. Profundamente lamentável! Primeiro Cecilia e depois Madalena!...

Carlota - (chorando) Terem a coragem de me deixar completamente só!...

Novais - Foi uma ingratidão, realmente! Mas a senhora deve se consolar com o que lhe ficou. Ainda lhe resta o Tótônio.

Carlota - O Tótônio éra o que menos me acompanhava. Passa o dia inteiro no trabalho e quase toda a noite na rua com os companheiros. Só o vejo quando vou acordá-lo para o trabalho e depois é hora do almoço. À tarde já fica pela cidade e só entra em casa de madrugada.

Novais - Está errado, dona Carlota. Completamente errado. Acabará estragando a sua saúde em pouco tempo.

Carlota - Era o que eu sempre lhe dizia a principio. Agora... agora já nem lhe digo mais nada para que não se magoe ainda mais com as suas brutalidades.

Novais - E porque não escreve ao Aluizio pedindo-lhe para ir morar em sua companhia? Aluizio foi sempre muito bom filho, havendo de tratá-la com muito carinho.

Carlota - Não, seu Novais. Prefiro sofrer em silêncio a ter que revelar a Aluizio o desregrado amor de desse filho.

Novais - Quer dizer então que ele não sabe de coisa alguma?

Magu

Carlota - ...mente nada. E hei de poupar-lhe esse desgosto até não me ser mais possível esconder.

Controle: → (CORTINA MUSICAL)

Meira - Quer dizer que a sua demissão é de carácter irrevogável, seu Aluizio?

Aluizio - É verdade, seu Meira. Já é tempo de regressar à minha terra e ao seio da minha família. Foi por ela que fiz o grande sacrifício de viver todos estes anos separado. Agora já tenho o meu económico de trezentos mil cruzeiros, o que me permitirá estabelecer-me lá e reabilitar os meus na cidade. Além disto recebi também uma carta de um amigo dizendo-me que a minha mãe está provavelmente enferma e que eu devo ir o quanto antes se quizer encontrá-la ~~com~~ com vida.

Meira - Ah bem, neste caso eu não me acharei com o direito de tentar impedir a sua resolução. Mas creia, seu Aluizio, que vou sentir bastante a sua falta.

Aluizio - Eu também sinto deixá-lo, seu Meira. O senhor foi um ótimo amigo e não esquecerei nunca que graças à sua generosidade eu consegui alcançar a minha independência financeira.

Meira - E o senhor foi um ótimo auxiliar, seu Aluizio. Dificilmente hei de conseguir alguém que o substitua.

Aluizio - Bem, seu Meira, possivelmente não nos tomaremos a ver e eu desejo dar-lhe um abraço de despedida. Agradeço-lhe...

Meira - Não, não, não. Não me agradeça nada. Tudo o que lhe dei foi por seu próprio merecimento. Seja muito feliz.

Aluizio - Muito obrigado. O mesmo desejo ao senhor.

Controle: → (CORTINA MUSICAL)

Novais - É só a mim que você encontra, Aluizio. Vim esperá-lo aqui para que você não encontrasse a casa vazia.

Aluizio - É minha mãe, seu Novais?

Novais - Sua mãe...

Aluizio - Basta. Já compreendi tudo. Não precisa dizer mais nada. Quando?

Novais - Foi enterrada ante-ontem. Ceitada! Só eu assisti-lha os últimos instantes.

Aluizio - Como? Mas a Cecília? E Madalena? E Tótônio? Onde estão? Onde se encontram elas? Onde estavam quando ela expirou?

Novais - Não sei, meu caro. Ninguém sabe. Cecília e Madalena abandonaram a mãe há algum tempo para correr atrás de uma louca ilusão.

Aluizio - Que baixeza mas Deus!... Que infâmia!...

Novais - A esta hora devem estar, por certo, bastante arrependidas, da loucura que fizeram e naturalmente só a vergonha é que as impediu de voltar.

Aluizio - Que coisa horrível!... E Tótônio? O que foi feito de Tótônio?

Novais - Tótônio está foragido. Deu um enorme desfalque na firma onde trabalhava e fugiu com medo do ajuste de contas. Ninguém sabe dele. Foi esse golpe que precipitou o fim de dona Carlota. Ela me pediu que transmitisse a você a sua última vontade. Que você não o desperdiçasse e que o salvasse da cadeia e da deshonra.

Aluizio - Quanto foi o prejuízo? O senhor sabe?

Novais - Trezentos mil cruzeiros aproximadamente.

Aluizio - É justamente o que preciso de economia do meu trabalho ^{mas} ela será atendida.